

## O CRISTO DA FÉ: FÉ TEOLÓGICA -vs- FÉ POÉTICA

Prof. Dr. Rafael Camorlinga Alcaraz (UFSC)

### Resumo:

*Será que Jesus Cristo, adorado como Filho de Deus por quase um bilhão de cristãos, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, Alfa e Omega do Apocalipse..., pode ser mais um personagem da ficção literária? É fácil prever a resposta da Teologia, diametralmente oposta à da Literatura. Porém, a distância entre os extremos se reduz consideravelmente se levarmos em consideração, por um lado, a carga ficcional inerente à especulação teológica; e por outro, a importância que pode assumir a canonização literária. Com efeito, mesmo partindo de premissas e se utilizando de discursos diferentes, tanto a Teologia quanto a Literatura estão seriamente comprometidas com a Estética. Esta, por sua vez, culmina na Epifania, modesta na efemeridade do aqui-e-agora, grandiosa depois de cruzar o limiar da eternidade.*

**Palavras chave:** Literatura, Teologia, Teopoética.

### Introdução

O tema remete à Bíblia, livro sacro para o Judaísmo, o Cristianismo e o Islã, “religiões do livro”. Seja qual for o critério adotado para a compilação do Cânone Ocidental, a Bíblia não pode faltar. A importância do Livro por excelência extrapola o âmbito meramente sacro; ele permeia, não só o imaginário ocidental como também o universal. Porém, o seu valor como texto sacro não é o mesmo para as três religiões que o veneram como texto fundador. Para o Cristianismo o Novo Testamento (NT), apesar do exíguo tamanho relativamente ao Antigo (AT), tem um valor especial, pois contém os ditos e relata os fatos de Jesus Cristo (JC).

A onipresença do pensamento bíblico nas diversas culturas é inconteste, com preponderância na cultura ocidental. É isso que demonstra literariamente J. L. Borges em um dos contos: “El Evangelio de Marcos”. O personagem-eixo da narração, numa digressão, como que ao acaso, faz a seguinte constatação:

a lo largo del tiempo los hombres han repetido siempre dos historias: la de un baje perdido que busca por los mares mediterráneos una isla querida, y **la de un Dios que se hace crucificar en el Gólgota** (BORGES, 1989, p. 448) (destaque meu)<sup>1</sup>.

Esse Deus crucificado, morto e ressuscitado, real ou simbolicamente, é o epicentro da doutrina que herdou seu nome: o Cristianismo. A dimensão sobre-humana desse personagem que para muitos é divino, pode ser apreciada pelo fato de ter sido ele quem dividiu a história do Ocidente em um antes e um depois: antes de Cristo e depois de Cristo.

O Cristianismo, por sua vez, impregnou a Civilização do Ocidente de tal maneira que a mesma, além de ocidental, passou a chamar-se também **cristã**. Assim, a sua influência não se limita ao campo religioso; atinge também o cultural e artístico. Com efeito, “sem Jesus e sua Igreja que música Bach teria composto? O que teriam pintado Michelangelo, Rafael, El Greco?” (ARIAS,

---

<sup>1</sup> “Ao longo dos tempos, os homens tem repetido sempre duas histórias: a de uma embarcação perdida que procura, nos mares mediterrâneos, uma ilha amada, e a de um Deus que se faz crucificar no Gólgota”. Tradução minha, esta e as restantes, enquanto não conste outra coisa.

2001, p. 14). E no que tange ao campo literário, o mesmo autor volta a perguntar: “o que teriam escrito Dante ou San Juan de la Cruz e tantos outros escritores como por exemplo, José Saramago, autor do polêmico *Evangelho segundo Jesus Cristo*”? (Ibid.).

No concernente à produção literária *lato sensu*, Jesus Cristo deu origem a uma disciplina específica no âmbito da Teologia, a Cristologia. Conseqüentemente, as obras ensaísticas sobre JC são inúmeras, sendo uma das mais recentes a do Papa atual, intitulada “Jesus de Nazaré” (RATZINGER, 2007). Os escritos literários *stricto sensu* inspirados pela pessoa, os ditos e fatos de JC são também assaz numerosos. A seguir tentar-se-á indagar o rumo e a finalidade de cada uma das referidas abordagens. Afinal assinalaremos o que elas têm em comum, uma vez que ambas lançam mão do arcabouço das palavras.

## **1 O Cristo da Teologia – fé teológica**

Aqui delineam-se claramente duas vertentes, com seus respectivos desdobramentos: a teológica, com a derivação dogmática, e a da piedade popular, que assume múltiplas modalidades. Esses diferentes níveis não são estanques mas interdependentes. O Jesus petrificado das fórmulas dogmáticas ganha vitalidade nas discussões teológicas e assume múltiplas formas na piedade dos cristãos.

### **1.1 A Cristologia**

A pesquisa visando indagar sobre JC, principalmente no âmbito da Igreja Católica, deve levar em séria consideração o dogma, sob pena de incorrer em alguma das sanções previstas pela legislação eclesiástica. Vale lembrar que **dogma**, segundo o Catecismo da Igreja Católica (CIC) é, “forma que obriga o povo cristão a uma adesão irrevogável de fé” (CIC, n. 88). No concernente a JC, o dogma reza: “Crer que Jesus Cristo é filho de Deus é necessário para ser cristão” (CIC, n. 454).

A elaboração do dogma cristológico levou séculos e custou lutas que nem sempre foram apenas teológicas, nos primeiros tempos do Cristianismo. Na época o Império Romano estava na fase do declínio. E já então se perfilava o surgimento de um novo “Império”, o Cristão. Este, à bagagem ético-moral do judaísmo, acrescentaria o raciocínio filosófico dos gregos e o “corpus iudicum” dos romanos (RUSSEL, 1956, p. 394)<sup>2</sup>. São esses os principais ingredientes do que se conhece como a Igreja Católica, única representante do Cristianismo durante o primeiro milênio, missão que teve que compartilhar, a partir do s. XI com a Igreja greco-ortodoxa e no s. XVI, com o movimento Protestante.

A hegemonia incontestada da Igreja Católica durante tanto tempo propiciou o surgimento de um monopólio doutrinal que culminou com a criação da Inquisição no século XIII e com a declaração da infalibilidade pontifícia, no XIX. O teólogo ex-franciscano Leonardo Boff observa ao respeito:

O Magistério, portanto, é portador exclusivo de uma verdade absoluta (...) face à qual não cabem dúvidas e indagações da razão ou do coração. (...) A Igreja detém o monopólio dos meios que abrem o caminho para a eternidade (BOFF, apud Eymerich, 1993, p. 10).

---

<sup>2</sup> Afirma literalmente o referido autor, na versão espanhola: “Cuando Roma cayó la Iglesia conservó en una síntesis singular los que había resultado ser más vital en las civilizaciones judía, griega y romana. Del fervor moral de los judíos vinieron los preceptos éticos del cristianismo; del amor griego al razonamiento deductivo, la teología; del ejemplo romano de imperialismo, el gobierno centralizado de la Iglesia y el cuerpo de leyes canónicas”.

Uma consequência dessa prerrogativa semi-divina que o magistério eclesiástico se arroga, é a intolerância. Assim, o mesmo teólogo acrescenta, com uma pitada de ironia: “Só os que não possuem a verdade podem ser tolerantes” (Id., *ibid.*, p. 11).

Face aos pronunciamentos da Igreja a respeito de JC já nos quatro primeiros séculos do Cristianismo e face à intransigência do Magistério, qualquer tentativa de se aprofundar no conhecimento de Jesus de Nazaré pareceria desnecessária e até arriscada. Por outra parte, reduzir o Cristo à estreiteza das fórmulas dogmáticas seria o mesmo que reduzir um belo corpo humano ao puro esqueleto, sem forma, sem vida. A necessidade de torná-lo acessível a todo tipo de pessoas deu origem a múltiplos escritos. No âmbito teológico surgiu a Cristologia. Derivada desta, mas sem formar uma disciplina à parte, encontra-se a hagiografia. Esta última abrange o conjunto de obras de caráter piedoso que visam incentivar e alimentar a vida espiritual dos cristãos.

Com a proliferação dos escritos em torno a JC e ao Cristianismo tornou-se inevitável o surgimento de diversas tendências e enfoques. Fala-se, então, não de uma mas de muitas “Cristologias” (SOBRINO, 1997, p. 12). No entanto, contrariamente à auto-suficiência dogmática do Magistério, o teólogo, ou melhor, o cristólogo, aborda o mistério de JC com plena consciência de suas limitações relativamente ao empreendimento. Daí a necessidade de “compaginar siempre palabra y silencio, verdad y provisionalidad”<sup>3</sup> (Ibid., p. 13)

## **1. 2 Um Cristo Latino-americano**

Durante os séculos transcorridos a partir do decantado descobrimento da América, a Igreja latino-americana viveu da teologia européia. Mas nas últimas décadas do século XX, a partir do Concílio Vaticano II, começou a fazer sua própria reflexão teológica, enraizada na realidade do Continente. O resultado foi a “Teologia da Libertação”. A Cristologia dela derivada vê em Jesus Cristo, na sua doutrina e principalmente no seu exemplo uma clara preferência pelos pobres e um envolvimento na libertação, não só espiritual mas também sócio-econômica. Este novo enfoque assinala a insuficiência, a omissão das Cristologias precedentes:

Recordemos que nuestro continente cristiano ha vivido siglos de opresión inhumana y anticristiana sin que la cristología, al parecer, se diera por enterada y sin que supusiera una denuncia profética en nombre de Jesucristo <sup>4</sup> (Id. Ibid.).

Um grupo de teólogos latino-americanos, dentre os quais o próprio J. Sobrino e o brasileiro L. Boff tentaram preencher essa lacuna secular no Cristianismo, principalmente na Cristologia de nossa América. Os progressos alcançados na esteira do Concílio Vaticano II e sob o pontificado do papa Montini foram notáveis. Já com os dois últimos Papas o processo foi revertido. O apoio outorgado ao Papa polonês para derrotar o socialismo na sua terra natal teve um preço (BERNSTEIN – POLITI, 1966, p. 368s). A Teologia da Libertação foi desautorizada e até estigmatizada. Os teólogos liberacionistas sofreram sanções de vários tipos. Os silêncios “diplomáticos” e o trato amigável dispensado a regimes violadores dos direitos humanos (Ibid., p. 467ss) mostram às claras o viés do papa Woytila e o da Igreja por ele chefiada.

“Roma locuta, causa finita?” – vulgo: Roma tem a última palavra? A incipiente Cristologia latino-americana sofreu um sério revés. A teologia “européia” não vê com bons olhos o surgimento da homônima “terceiro-mundista”, teologia que não se limita à ortodoxia, se ela não se valida na “**ortopraxe**”. Porém, enquanto existirem situações de injustiça e opressão, existirá anseios de liberdade; e com eles os de uma Cristologia libertadora – com ou sem o *placet* de Roma. E quando

<sup>3</sup> ... necessidade de “compatibilizar sempre palavra e silêncio, verdade e provisoriidade”.

<sup>4</sup> “É preciso lembrar que nosso continente viveu séculos de opressão desumana e anticristã; a Cristologia, no entanto, parecia não perceber, menos ainda, lançar uma denúncia profética em nome de Jesus Cristo”.

o cânone eclesiástico tente sufocar o Espírito, que “sopra onde quer” (Jo 3, 8), fica o recurso da Literatura.

## **2 O Cristo da literatura – fé poética**

Nasce de mulher, mas concebido sem o concurso de homem. Declara-se o Prometido aos Patriarcas, o Anunciado pelos Profetas, o Esperado durante séculos pelo seu Povo, Israel.

Prega a fraternidade universal, sob a paternidade de Deus, pai de todos. Acolhe os marginalizados, sara enfermos, ressuscita mortos.

Sua atividade e sua doutrina o tornam suspeito aos olhos dos poderosos. Ameaçado de morte, não desiste; antes parece provocar o trágico desfecho. No entanto, a vida que lhe é tirada, a recupera, resplandecente, no terceiro dia.

Promete o mesmo triunfo àqueles que praticam seus ensinamentos, cultuam sua memória e difundem a sua doutrina.

Na **Parusia**, consumado o atual período, presidirá a um julgamento cósmico.

A partir de então terá início a etapa definitiva do seu reino, reino de verdade e de justiça, de paz e de amor.

Mito incomparável que aglutina os anseios da Humanidade – dizem uns. Utopia ao alcance dos seguidores de JC – sustentam outros. Fonte inesgotável de inspiração para todo tipo de criação artística – podemos nós afirmar, sem entrar necessariamente em colisão nem com os primeiros nem com os segundos.

### **2. 1 O Jesus histórico e o Jesus mítico**

A estreita vinculação entre mito e literatura é geralmente sustentada pelos estudiosos do assunto (FRYE, N. 1957; 1992; ELIADE, M. 1963; MONNEYRON – THOMAS, 2004). “Cada Sociedade humana possui a sua mitologia, que é herdada, transmitida e diversificada pela literatura” (FRYE, 1992, p.XIII). Segundo este mesmo autor, mitologia e literatura se nutrem reciprocamente (Id., ibid.).

Entre mitologia e religião pode-se estabelecer uma relação análoga à existente entre mitologia e literatura, embora neste caso não haja a mesma unanimidade. As grandes religiões monoteístas, Judaísmo, Cristianismo e Islã recusam a pecha de “mitológicas”, posto que elas se consideram históricas. Convém lembrar que **mito**, neste caso, não tem a conotação negativa que antes lhe era atribuída; pelo contrário, “exprime a experiência mais profunda da humanidade”. Portanto, aplicado a Deus e a Jesus Cristo, “não envolve absolutamente um pré-julgamento da atitude religiosa de quem quer que seja” (DEBEZIES, 1997, p. 517).

As interpretações fundamentalistas da Bíblia, em vigor até época recente, recusavam todo tipo de aproximação com o mito. Acreditava-se que qualquer concessão à fábula e à poesia iria comprometer a verdade. Essa atitude ignorava o fato de a Bíblia, com insignificantes exceções, ter sido escrita na linguagem literária de mito e metáfora (FRYE, Ibid., p. XIV-XV). Posteriormente a rigidez inicial foi atenuada. Hoje em dia ninguém, em sã consciência, negaria a imbricação de mito e religião, análoga à existente entre mito e literatura. Em suma, é difícil conceber uma religião sem literatura, nem uma literatura totalmente alheia ao fenômeno religioso<sup>5</sup>.

Em vista da onipresença do Cristianismo no Ocidente, o binômio literatura e religião equivale a literatura e cristianismo. Ao lado do Jesus do dogma e do Jesus da teologia (Cristologia) temos o da literatura. Reparemos desde já que a imagem transmitida pelos evangelhos canônicos, elaborada pela especulação teológica e pela piedade popular é a de um JC ficcionalizado. Com

---

<sup>5</sup> O encontro entre ambas as disciplinas e o surgimento de uma terceira está bem representado no termo **Teopoética**, por Franz-Joseph Kuschel (KUSCHEL, 1978; 1991).

razão o crítico literário H. Bloom afirma: “A adoração ocidental de Deus..., é adoração de uma personagem literária; o Jesus amado pelos cristãos é uma personagem literária” (BLOOM, 1995, p. 15).

Olhando agora para o Cristo da Literatura convém salientar que os primeiros escritos sobre JC são os evangelhos apócrifos, excluídos do cânone justamente pelo aspecto lendário e fantástico (ARIAS, 2001, p. 144-145). O gesto daqueles “contadores de histórias” tem sido imitado por inúmeros narradores ao longo dos séculos.

A necessidade de “contar” o que fez Jesus e de torná-lo mais imaginável, insistindo no detalhe concreto, também provocou, desde as primeiras gerações cristãs uma floração de relatos ditos “apócrifos”, em que a anedota triunfa pelo prazer da imaginação, em que avultam as paráfrases de todo tipo” (DEBEZIES, Ibid, p. 518).

Nem por isso o tema Jesus Cristo dá sinal de esgotar-se. Segundo Fernando Sabino (1995, p. 15), “consta que somente no século XIX foram publicados mais de sessenta mil livros a seu respeito”. Face ao ingente volume de obras inspiradas pelo Fenômeno-Cristo a afirmativa de Jo 21, 25 – “se fosse escrito tudo o que Jesus Cristo fez o mundo inteiro não poderia conter os livros”-perde o seu aspecto hiperbólico.

É graças à arte em geral e à literatura em particular que a figura de Cristo não permaneceu um simples monumento do passado, mas continua cativando as novas gerações (KÜNG, Ibid, p. 132). O Jesus da Literatura é certamente mais empolgante que o da Teologia. Segundo o referido teólogo, isso se deve à sensibilidade dos literatos. A abordagem literária “autoriza a projetar no personagem, liberado dos limites impostos pela fé, todos os sonhos, todas as obsessões, todos os valores e todas as experiências (DEBEZIES, Ibid, p. 519). Em outras palavras, o ficcionista cujo compromisso é apenas com a arte, usufrui de uma liberdade que o teólogo desconhece. O cânone literário é diferente do teológico, assim como são as respectivas disciplinas. Por outro lado, tampouco há incompatibilidade<sup>6</sup>. Jack Miles, “biógrafo de Deus”, afirma: “O conhecimento de Deus como personagem literário não impede nem exige a crença em Deus” (MILES 1995, p. 14).

## **2. 2 Cânone teológico vs cânone literário**

A figura de JC é complexa e rica demais para ficar emoldurada nos esquemas do dogma. O próprio pensamento teológico, conquanto mais abrangente que o dogmático, fica aquém do que um “Filho de Deus feito homem” pode suscitar na imaginação dos seus seguidores e até dos seus detratores. A mitologia judeu-cristã pode equiparar-se à greco-romana no que concerne à fecundidade literária. As obras inspiradas pelo evento cristão são inúmeras, conforme foi assinalado (Brunel, 1997, p. 523; Küng, 1974, p. 138; Kuschel, 1978). Aborda-se agora, à guisa de amostra, alguma delas.

Chama poderosamente à atenção a figura de Jesus Cristo de Dostoievski (1968) em *Os Irmãos Karamazov*; concretamente, em “O Grande Inquisidor”, poema de Ivan, um dos três irmãos. Jesus aparece em Sevilha, Espanha, quando a Inquisição está em plena atividade, queimando hereges em espetaculares autos de fé. O povo vai atrás dele, como outrora em Israel. No entanto, o Inquisidor mor, investido com a dignidade cardinalícia, manda prendê-lo e jogá-lo na cadeia. É no calabouço onde tem lugar o seguinte diálogo, ou antes, monólogo, uma vez que o Cardeal é o único que fala.

---

<sup>6</sup> É isso que insinua o Papa no livro supracitado. Ao desaprovar a opinião dos que consideram o batismo de Cristo como o momento em que surgiu sua vocação messiânica, assinala que, adentrar na consciência de Jesus é mais condizente com a literatura do que com a teologia (RATZINGER, 2007, p. 38).

Es Tu? Tu? – mas, não recebendo resposta, acrescenta apressadamente: não respondas, mantém-te calado. O que poderias dizer? Sei tudo isto muito bem. Tu não tens o direito de acrescentar coisa alguma ao que já disseste outrora. Por que vieste incomodar-nos? Sabias que a tua presença nos estorvaria e, no entanto, vieste. Mas tu sabes também o que vai suceder amanhã? (...) amanhã mesmo te julgarei e serás queimado como o pior dos hereges (vol. I, p. 195).

O Cristo que aparece na Espanha medieval encaixa nos temas recorrentes na produção romanesca cristã: o retorno de Jesus Cristo. Entretanto, o Cristo recriado pela ficção dostoiévskiana não é o da **Parusia**, aparecimento apoteótico. É, pelo contrário, uma presença semelhante à primeira: a do humilde Jesus de Nazaré. Mesmo assim, ou justamente por isso, a sua presença é incômoda, subversiva. Curiosamente, incomoda o poder que se diz constituído e exercido em seu nome. A propósito do trecho citado, o teólogo e precursor da “teopoética”, Romano Guardini, comenta:

La Iglesia romana pone sus manos sobre Jesucristo. El ya no tiene la libertad de venir a los hombres. Debe permanecer con los suyos dentro de los límites y fronteras que la jerarquía le ha prescrito. Su figura ya está fijada, elaborada, definitivamente.<sup>7</sup>

Todavía, o Jesus recriado pela ficção literária, nem sempre é o pacifista de “o Grande Inquisidor”, nem a figura franzina e alquebrada da literatura piedosa. A literatura moderna sobre JC, segundo Debezies (1997), tende para a **reconstituição**, preocupação com a verossimilhança, ou, ao contrário, para a **transposição**, apresentando um Cristo mais afim com a nossa realidade. É este segundo viés o mais condizente com um Jesus latino-americano. É com ele com quem nos deparamos nos escritos ensaísticos de L. Boff e de J. Sobrino, bem como nos poemas do bispo Casaldáliga. É ele o Cristo libertador esboçado no romance *La Cruz Invertida*, do argentino Marcos Aguinis.

Por outro lado, tampouco parece descabido associar o Cristo “literário” com os líderes revolucionários Che Guevara e Camilo Torres.<sup>8</sup> Talvez haja quem prefira associar a figura do Redentor com os mártires Oscar A. Romero de El Salvador, e com o Padre Bosco, auxiliar de Don Pedro Casaldáliga, do Brasil, assassinado durante a ditadura.

Antes de terminar, ao menos, mencionemos o Jesus de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago. Alguns leitores lamentam não poder reviver o tempo da Inquisição, para queimar o livro e junto com ele o autor. O delito do romancista português é apresentar um Cristo tão humano, que beira ao divino.

## **Conclusão**

O teólogo H. Küng, citado ao longo do presente trabalho, lista os muitos “Cristos” aparecidos na história do Cristianismo: o Cristo cantado nos hinos em todas as línguas do mundo, o Cristo pintado e esculpido já nos primórdios da era cristã, e daí em diante na Idade Média, no Renascimento e na época moderna, o Cristo dos debates teológicos da Escolástica, da Reforma e Contra-reforma, o Cristo de Romano Guardini, de Karl Barth, Teilhard de Chardin e Billy

<sup>7</sup> A Igreja romana prende Jesus Cristo. Ele não tem mais a liberdade de vir aos homens. Deve ficar na sua, sem ultrapassar os limites e fronteiras que a hierarquia determinou. A sua figura tem sido fixada, determinada para todo o sempre (Guardini, 1954, p. 126).

<sup>8</sup> Segundo H. Küng, um Cristo subversivo seria mais condizente com o do Evangelho. “É claro que o Jesus dos Evangelhos não é a figura doce e gentil do romantismo, nem a de um bitolado personagem eclesiástico. Tampouco sugere o diplomata de cintura e costas flexíveis...” (Küng, o. c., p. 186).

Graham..., aos quais podemos acrescentar os inúmeros Cristos da ficção literária, romance, teatro e poesia (Kuschel 1978; Langenhorst, 2005). Afinal da listagem conclui o mencionado teólogo: “parece haver tantas imagens de Cristos quantas são as mentes que as concebem” (O. c., p. 129). Qual delas é **a certa**? A do Cristo **real**, responde o próprio Küng. E para explicar qual é esse Cristo dedica as restantes 500 páginas do seu livro “Ser Cristão”.

Felizmente à Literatura não cabe empreender a árdua tarefa de determinar os limites entre verdade e erro, bondade e maldade, nem mesmo entre ficção e realidade. Deixando de lado o *homo sapiens*, dirige-se ao *homo ludens*, do qual exige apenas a “suspensão da descrença”, a **fé poética**. Esta, diferente da **teológica**, não implica qualquer sanção em caso de recusa. Oferece a todos, já no aquém, uma **epifania**, encontro que a fé teológica reserva para alguns, no além.

### **Bibliografia**

- ARIAS, Juan. **Jesus –Esse Grande Desconhecido**. Trad. Rubia P. Goldoni. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BERSTEIN, C. – POLITI, M. **Sua Santidade João Paulo II e a História oculta de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**. Trad. Marcos Santamaría. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- BOFF, Leonardo. “Inquisição: Um espírito que continua a existir”. In: EYMERIC, Nicolau, **Manual dos Inquisidores**. Trad. Maria J. L. da Silva. Brasília: Edumb, 1995.
- BORGES, Luis Jorge. **Obras Completas**, vol. II. Barcelona: EMECÉ, 1989.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Ed. Vozes, Paulinas, Loyola, Ave Maria, 1993.
- DEBEZIES, André. “Jesus Cristo na Literatura”. In: BRUNEL, Pirre (Org.). **Dicionário de mitos literários**. Trad. Carlos Sussekind, Rio de Janeiro: Editora UnB – José Olympo, 1997.
- FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica**. São Paulo: Cutrix, 1957.
- \_\_\_\_\_. **Words with Power – The Bible and Literature**. San Diego, New York, London: A Harvest/BJ Book, 1990.
- GUARDINI, Romano. **El Universo religioso de Dostoyevski**. Buenos Aires: EMECE Editores, 1954.
- KUSCHEL, Karl-Josef. **JESUS in der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur**. Tübingen: Benziger Verlag, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Os Escritores e as Escrituras**. Trad. Paulo A. Soethe, São Paulo: Loyola, 1999.
- KÜNG, Hans. **On Being a Christian**. New York: Doubleday & Company Inc., 1976.
- LANGENHORST, Georg. **Theologie & Literatur**. Darmstad: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2005.
- MONNEYRON, F. - THOMAS, J. **Mitos y literatura**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.
- RATZINGER, Josph. **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Planeta, 2007.
- SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SOBRINO, Jon. **Jesucristo Libertador** Madrid: Editorial Trotta, 1997.

**XI Congresso Internacional da ABRALIC**  
***Tessituras, Interações, Convergências***

**13 a 17 de julho de 2008**  
**USP – São Paulo, Brasil**

Prof. Dr. Rafael Camorlinga Alcaraz  
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC